INSIGHT

cariquice

publicação trimestral . ano X . n:40 . jan/fev/mar 2014
ISS 1981-6049

"se eu quiser falar com deus, tenho que ficar a sós"
apud gilberto gil

nélida piñon

oração a todas as letras

publicação trimestral . ano X . n:40 . jan/fev/mar 2014

cariquice

AFRICA
FIFA WORLD CUP
Brasil
Itaú
BRASIL
Banco Oficial da Copa do Mundo da FIFA 2014™
e da Seleção Brasileira de Futebol

Vamos
Soltar o grito do peito
Deixar o coração no jeito
Que aí vem mais uma emoção

Vamos
Torcer e jogar todos juntos
Mostrar novamente para o mundo
Como se faz um campeão

Pois só a gente tem as 5 estrelas
Na alma verde-amarela

E só a gente sabe emocionar
Cantando o hino a capela

"Mostra tua força, Brasil"

E amarra o amor na chuteira
Que a garra da torcida inteira
Vai junto com você, Brasil

Mostra tua força, Brasil
E faz da nação sua bandeira
Que a paixão da massa inteira
Vai junto com você, Brasil

Muitos corações, uma só voz.
#issomudaojogo

Itaú. Feito para você.

Itaú

sumário

carioquice

Nº 40 JANEIRO/FEVEREIRO/MARÇO DE 2014
ISS 1981-6049

É som, é sal, é mar

4 Enciclopédia sonora

12 O guardião das canções

Saga carioca

18 A flor do lácio, culta e bela

Cidade maravilhosa

28 Com a bola toda no carnaval

34 Luzes da cidade

Do bem comer e melhor beber

42 Távola da gula santa

Magia do olhar

46 Nosso Rio corre para a sombra

Causos e letras

54 Dom Quixote tropical

Embaixadora do Rio

60 Carioquice por todos os poros
Por Lygia Marina Pires de Moraes

expediente

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTERES
João Penido
Kelly Nascimento
Mônica Sinelli

DESIGNERS
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

CONSULTORIA DIGITAL
Camila Brandão

REVISÃO
Denise Scofano Moura
Geraldo Rodrigues Pereira

CAPA
Adriana Lorete

IMPRESSÃO
Walprint

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Alfredo Marques Viana
- Ancelmo Gois
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cícero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Daniel De Plá
- Eva Mariani
- Francis Hime
- Francisco Horta
- Henrique Luz
- Humberto Eustaquio Mota
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- Jerson Lima
- João Maurício de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Joel Nascimento (do bandolim)
- Jomar Pereira da Silva
- José Louzeiro
- José Viegas Filho
- Júlio Bueno
- Júlio Lopes
- Lan
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luís Fernandes
- Luiz Alfredo Salomão
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Antonio Guaraná
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Malvina Tuttman
- Marcelo Carnaval
- Marco Antonio Bologna
- Marcílio Marques Moreira
- Marco Polo Moreira Leite
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga ✞
- Olívia Hime
- Oscar Niemeyer ✞
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Menezes Direito
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães ✞
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Ruy Garcia Marques
- Tito Ryff
- Verônica Dantas
- Vitor Lemos
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua do Mercado 11 / 12º andar
Cep 20010-120 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Bela Cintra 746 / con.71 · Consolação
Cep 04571-090 · Tel/Fax: (11) 3284-6147
email: insightsp@insightnet.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)
Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br
www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

artistas e o Retiro

esquina do Ricardo

Não de hoje luto com afinco a favor da memória dos artistas, especialmente aqueles da nossa fertilíssima MPB.

O esquecimento, o abandono, a falta de cuidados e até de respeito são quase constantes em nosso meio, o que provoca em mim desconforto e indignação. Há uma instituição que vem por décadas a fio recolhendo velhos artistas, o Retiro dos Artistas. O Retiro é uma organização particular que vive de doações, públicas e privadas. Vejam bem, particular (e não governamental), sem verbas fáceis ou eternas, que só o cômodo aconchego do funcionalismo governamental permite, embora assegurando quase sempre péssimo funcionamento. Ora, o Retiro dos Artistas fica em ampla área de Jacarepaguá e se mantém heroicamente. Hoje é presidido pelo também ator Stepan Nercessian, cujo trabalho é elogiado. Para lá, eu que o frequento há décadas em visitas a um sem-número de artistas esquecidos, tive a oportunidade de levar as minhas amigas Carmélia Alves e Carminha Mascarenhas, duas das cantoras da Era do Rádio, infelizmente mortas no ano passado. Elas faziam parte do núcleo das estrelas da casa, a que se somavam Rosana Toledo e Helena de Lima. Há semanas, a primeira morreu silenciosamente e não mereceu sequer um simples registro de obituário. Rosana, cuja alegria de viver no Retiro eu testemunhava havia anos, foi uma cantora que gravitou entre o samba-canção e a bossa nova. Era uma voz profunda, grave, original, voz projetada por um belo corpo de mulher, em que se ressaltavam formas perfeitas e lábios sensuais. Pois Rosana Toledo, a quem convidei para gravar em 1975 alguns clássicos na série MPB-100, ao vivo, tinha algo de Maysa, ambas influenciadas pela americana Julie London, sucesso dos anos 1950.

Cabe aqui — e o faço quase que cumprindo indeclinável dever — um apelo aos poderes públicos para fornecerem recursos ao Retiro, que vive em dificuldades. E aproveito para bramir minha indignação pelo esquecimento imposto aos velhos ícones do passado.

Enciclopédia sonora

por João Penido

***Aquarela do Brasil*, *Risque*, *É luxo só* e *Pra machucar meu coração* são músicas que você já deve ter ouvido pelo menos uma centena de vezes. Mas há um Ary Barroso pouco conhecido e surpreendente, que fez, por exemplo, jingles para a Brahma e para a campanha de Jânio Quadros à Presidência. Tudo o que Ary já fez (até programa de calouros) está numa recém-lançada caixa de 20 CDs, que constitui uma verdadeira enciclopédia sonora – ou monumento sonoro, como prefere Ruy Castro.**

Quando seu avô morreu, Márcio Barroso tinha cinco anos. Ele e outros quatro netos moravam na casa do avô, na atual Ladeira Ary Barroso, no Leme. Márcio lembra-se de ver Ary pela TV e de ficar imaginando como um homem tão grande conseguia diminuir de tamanho e entrar na televisão.

Cinquenta anos depois, ele finalmente conseguiu reunir quase a totalidade da obra do avô numa caixa com 20 CDs. São 316 músicas, compostas de 1928 a 1963, e todas elas de primeira gravação, por artistas como Mario Reis, Aracy Cortes, Carmem Miranda, Francisco Alves, Silvio Caldas, Aracy de Almedida, Elizeth Cardoso e Marlene, para só citar alguns.

Junto com a caixa, um robusto livro dá a ficha técnica de cada uma, com as letras, o ano em que foi gravada, quem gravou etc.

Ary Barroso em seu programa na TV Tupi

"O box 'Ary Barroso – Brasil brasileiro' possui sucessos como *Aquarela do Brasil*, No *rancho fundo*, *Risque*, *Na baixa do sapateiro*, *Morena boca de ouro*, *É luxo só* e *Pra machucar meu coração*, músicas belíssimas e de alta qualidade"

Lançada em dezembro passado durante um show de Alaíde Costa no Museu da Imagem e do Som de São Paulo, que a patrocinou, a caixa atende pelo nome de "Box Ary Barroso – Brasil brasileiro" e custa R$ 349,00. Pode ser encontrada em algumas lojas físicas e no site de livrarias, como a da *Folha de S. Paulo*, por exemplo. Foram produzidas apenas mil caixas, porque a verba obtida por meio da lei de incentivo à cultura não deu para mais. A meta inicial era chegar a três mil, informa Márcio.

Além de sucessos como *Aquarela do Brasil*, *No rancho fundo*, *Risque*, *Na baixa do sapateiro*, *Morena boca de ouro*, *É luxo só* e *Pra machucar meu coração*, há músicas pouco conhecidas, belíssimas e de alta qualidade, destaca.

Márcio gosta particularmente de uma que se chama *Vamos deixar de intimidade*, gravada por Mário Reis e Orquestra Pan Americana. Ele considera que a música "tem a cara do Zeca Pagodinho". O refrão diz o seguinte: "Mulher, vamos deixar de intimidade/Entre nós mais nada existe/Nem o amor, nem a saudade".

A caixa não contém somente músicas. Há faixas com gravações do programa "Calouros em Desfile", apresentado por Ary na Rádio Tupi entre 1945 e 1949. Segundo as más línguas, Ary era ranzinza e "gongou", como se dizia na época, nomes como Luiz Gonzaga, Nelson Gonçalves e Ângela Maria, além de ridicularizar artistas hoje consagrados.

Márcio, no entanto, não acredita nessas estórias e garante que o avô era querido e sempre tratava bem a todos. Mas recorda que Ary tinha em casa um piano vermelho de cauda que apavorava cantoras que iam lá para ensaiar as músicas que ele criava. Hoje, o piano está no apartamento de Márcio em Ipanema. Ele pensa em deixá-lo em comodato no MIS carioca, prestes a ser reaberto na Avenida Atlântica.

"Antes de falecer, vovô comprou dois apartamentos em Ipanema porque já estava muito debilitado e não conseguia descer a ladeira nem as escadarias da casa do Leme. O médico aconselhou que ele morasse em prédio com elevador. Mas ele morreu antes de os apartamentos ficarem prontos. Com o falecimento dele, vovó e nós nos mudamos para Ipanema, e a casa do Leme foi colocada à venda."

Com sua gaita, transmitindo uma partida de futebol

Em almoço na casa de Tônia Carrero, com Vinicius de Morais, Dorival Caymmi e outros

(Ary Barroso morreu de cirrose em 9 de fevereiro de 1964). Recordamos aqui seus 50 anos de morte.

Voltando à caixa. Há ainda jingles criados por Ary. Um deles foi *Chope em garrafa*, para a então Cia. Brahma. Diz assim: "O Brahma Chopp em garrafa/Querido em todo o Brasil/Corre longe, a banca abafa/É igualzinho ao do Barril/Chopp em garrafa/Tem justa fama/É o mesmo Chopp/ Chopp da Brahma". O jingle fez tanto sucesso que a marchinha passou a ser cantada nos carnavais da década de 30.

Mais surpreendente foi encontrar na caixa o jingle que ele fez para a candidatura de Jânio Quadros à presidência da República, em 1960, também uma marchinha. "Jânio! Jânio! Jânio!/ Quem é que vai recuperar esse país?/Jânio! Jânio! Jânio!/ Quem é que vai fazer o povo mais feliz?/ Jânio!/Jânio!/Jânio!".

Jânio, cuja campanha tinha por símbolo uma vassoura, com a qual iria varrer o Brasil, não recuperou o país nem fez o povo mais feliz, mas o jingle é empolgante, sensacional.

Márcio, que é dentista de profissão, conta que quando assumiu a gestão das coisas do avô, no lugar de sua mãe, já encontrou o projeto de fazer

Com Walt Disney, em Hollywood (1942)

a caixa, com fonogramas remasterizados pelo pesquisador Omar Jubran, o maior responsável pela obra.

Jubran, hoje aposentado, foi professor por 32 anos. Até 2006, ele deu aulas de biologia em tudo

Com Carmen Miranda, nos estúdios Disney

Ao lado de Juscelino Kubitschek, em 1958

quanto era cursinho de São Paulo, apesar de ser psicólogo de formação. Isso depois de abandonar a Faculdade de Medicina. "Desisti no dia em que vi o primeiro cadáver e desmaiei", admite.

"Esse projeto começou quando eu, que sou apaixonado por música, embora não seja músico, descobri que os três pilares da música popular brasileira são Noel Rosa, Ary Barroso e Lamartine Babo. Ali por meados dos anos 80, saiu o livro "Noel Rosa, uma biografia", de João Máximo e Carlos Didier. Nas páginas finais eles publicaram a discografia original do Noel. Fui checar o que tinha e não tinha. Tinha uma boa parte, 60%. E fui atrás do resto", conta Jubran.

Foi nesta época que ele começou a estudar, ainda que de maneira autodidata, o processo de recuperação sonora, que estava começando. "Aprendi aos trancos e barrancos. Aquilo era muito caro. Tive de vender o único carro que tinha, um fusca." A caixa de Noel saiu no ano 2000. Chama-se "Noel pela primeira vez" e tem 14 CDs com as gravações originais de 229 composições.

Concomitantemente, em 1994 Jubran começou a pesquisa "do segundo filho que eu queria ter, que era o Ary Barroso". Onze anos depois, em maio de 2006, ele entregou o trabalho para a gravadora Novo Disc. Passaram-se mais sete anos até se obter um patrocínio junto ao MIS-SP.

"A caixa do Ary foi mais difícil de fazer porque tive de levantar a discografia. Isso não é fácil no Brasil. É preciso fazer muito cotejo. Tem muito engano, muita digitação errada", constata.

O maior trabalho, porém, foi arranjar os fonogramas, a maioria em discos de 78 rotações, que são um convite para os fungos. Muitos não tocaram porque os fungos literalmente comeram as músicas. "O Brasil não se preocupou em digitalizar essas coisas", lamenta Jubran, que fez várias viagens para conseguir os fonogramas.

Fundamentalmente, ele os achou em colecionadores que já não vivem mais. "Meu maior colaborador foi o senhor Brasílio Carvalho, um alfaiate que gostava de Ary e resolveu colecionar seus discos. Quando o conheci, ele já estava com 80 anos. Minha grande mágoa é que ele faleceu sem ver esse trabalho pronto."

Encontrar os colecionadores e os discos nem sempre adiantava. Alguns eram tão ariscos que diziam a Jubran: "Tenho, tá aqui, não empresto e nem deixo você ouvir". O pesquisador conta que sua reação era

> **“A caixa do Ary foi mais difícil de fazer porque tive de levantar a discografia. Isso não é fácil no Brasil. É preciso fazer muito cotejo. Tem muito engano, muita digitação errada”**

perguntar: “Mas pelo menos o senhor os ouve?”.

Um dos maiores divulgadores do box tem sido o jornalista e escritor Ruy Castro, que num artigo intitulado “Monumento sonoro” não poupa elogios a Jubran. “Aqui é assim: um homem se encarrega, sozinho e por amor, de uma empreitada que, nos EUA, exigiria uma equipe bancada por uma instituição. Sendo que, no Brasil, os discos antigos não vão para arquivos quando morrem, mas agonizam em sebos, porões, sótãos — sujos, riscados, rachados — ou, com sorte, sobrevivem na coleção de algum abnegado.”

Linha do tempo

1903 – Em 7 de novembro nasce, na cidade de Ubá, em Minas Gerais, Ary Evangelista Barroso.

1911 – Seus pais morrem, e ele passa a ser criado pela avó, Gabriela Augusta de Rezende, e pela tia, professora de piano, Rita Margarida de Rezende.

1915 – Começa a trabalhar como pianista auxiliar no Cine Ideal, apesar do empenho da avó e da tia em fazê-lo padre.

1918 – Aos 15 anos, compõe o cateretê *De longe* e a marcha *Ubaenses gloriosos*.

1920 – Muda-se para o Rio de Janeiro.

1921 – Matricula-se na Faculdade de Direito.

1922 – Reprovado na faculdade, começa a fazer fundo musical para filmes mudos no Cine Íris.

1923 – Passa a tocar com a orquestra do maestro Sebastião Cirino.

1928 – Contratado pela orquestra do maestro Spina, de São Paulo, para uma temporada em Santos e Poços de Caldas. Nessa época, Ary resolve dedicar-se à composição. Compõe *Amor de mulato*, *Cachorro quente* e *Oh! Nina*, em parceria com Lamartine Babo.

1929 – A música *Vamos deixar de intimidade* é gravada por Mário Reis e se transforma no seu primeiro sucesso. Conclui a Faculdade de Direito.

1930 – Fica em primeiro lugar no concurso da Casa Edison com a marcha *Dá nela*. Com o dinheiro do prêmio, casa-se com Ivone Belfort de Arantes.

1931 – Ary escreve a música *A grota funda*, que, depois, tem a letra alterada por Lamartina Babo e se transforma no sucesso *O rancho fundo*.

1932 – Vai trabalhar na Rádio Phillips como pianista, mas logo se torna, também, locutor esportivo, humorista e animador.

1934 – Cria o programa "Hora H", na Rádio Cosmos de São Paulo.

1935 – Leva o programa "Hora H", para a Rádio Cruzeiro do Sul, no Rio de Janeiro.

1937 – Lança o programa "Calouros em desfile", na Rádio Cruzeiro do Sul, onde obrigava os candidatos a só cantarem músicas brasileiras. Depois, essa atração vai para a TV Tupi.

1938 – Vai para a Rádio Tupi onde atua como locutor, comentarista, humorista e ator

1939 – Lança, no espetáculo "Joujoux et balagandans", de Henrique Pongetti, o samba *Aquarela do Brasil*.

1944 – Pela primeira vez, vai aos Estados Unidos e compõe, para o filme "Brasil", a música *Rio de Janeiro*, que é indicada ao Oscar.

1946 – Ary é eleito o segundo vereador mais votado do Rio de Janeiro, então Distrito Federal.

1955 – No dia 7 de setembro, Ary e Villa-Lobos se encontraram no Palácio do Catete para receber a Ordem do Mérito, concedida pelo Presidente da República, Café Filho.

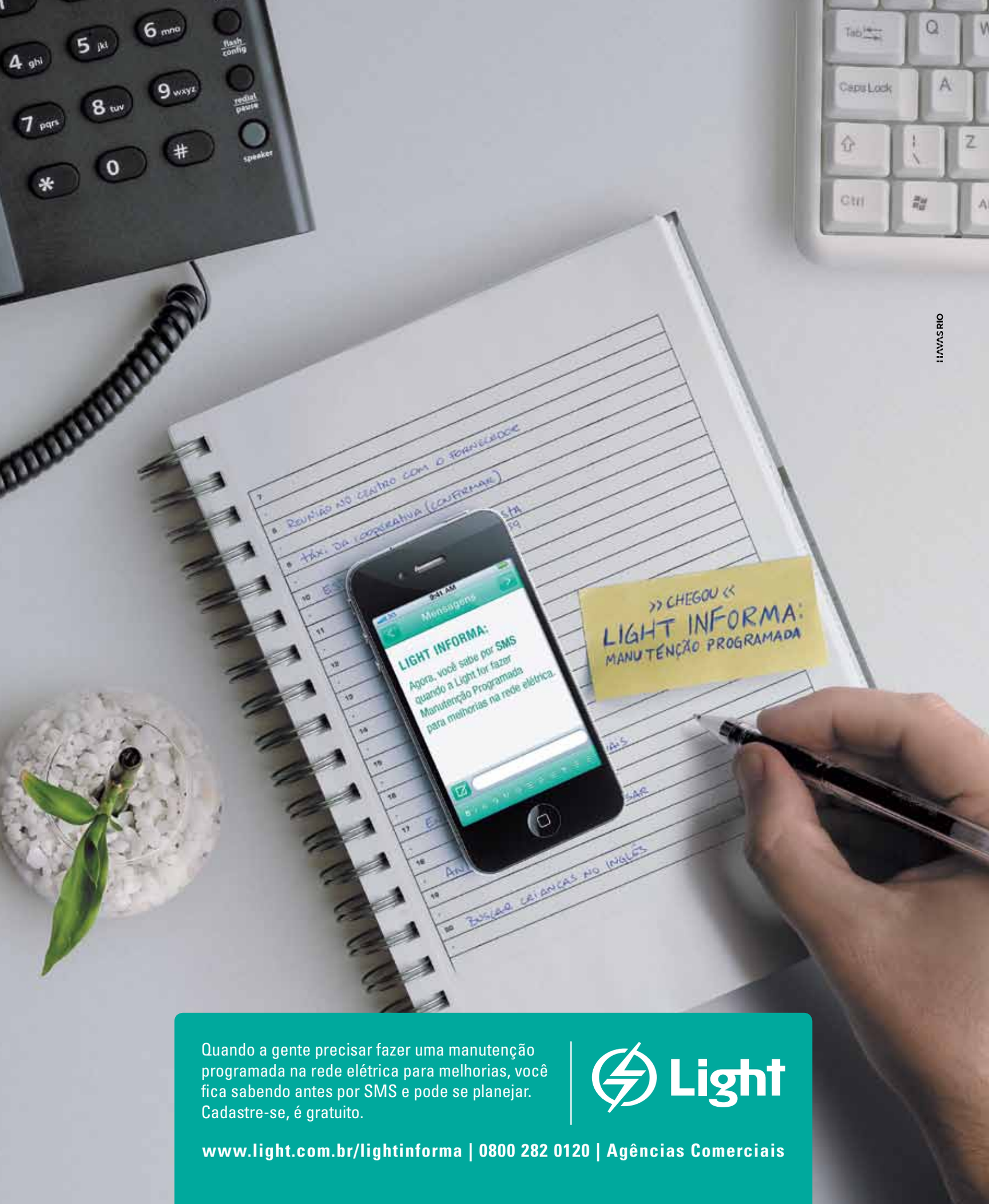
1960 – É nomeado Vice-presidente do Departamento Cultural e Recreativo do Clube de Regatas Flamengo.

1961 – Ary adoece de cirrose hepática e muda-se para um sítio em Araras.

1962 – Parcialmente restabelecido, volta ao Rio e retoma seu progama na rede Tupi, "Encontro com Ary".

1963 – No final do ano tem nova crise de cirrose hepática.

1964 – No dia 9 de fevereiro, falece o compositor brasileiro mais conhecido no seu país e no exterior.



Quando a gente precisar fazer uma manutenção programada na rede elétrica para melhorias, você fica sabendo antes por SMS e pode se planejar. Cadastre-se, é gratuito.

Light

www.light.com.br/lightinforma | 0800 282 0120 | Agências Comerciais

O guardião das canções

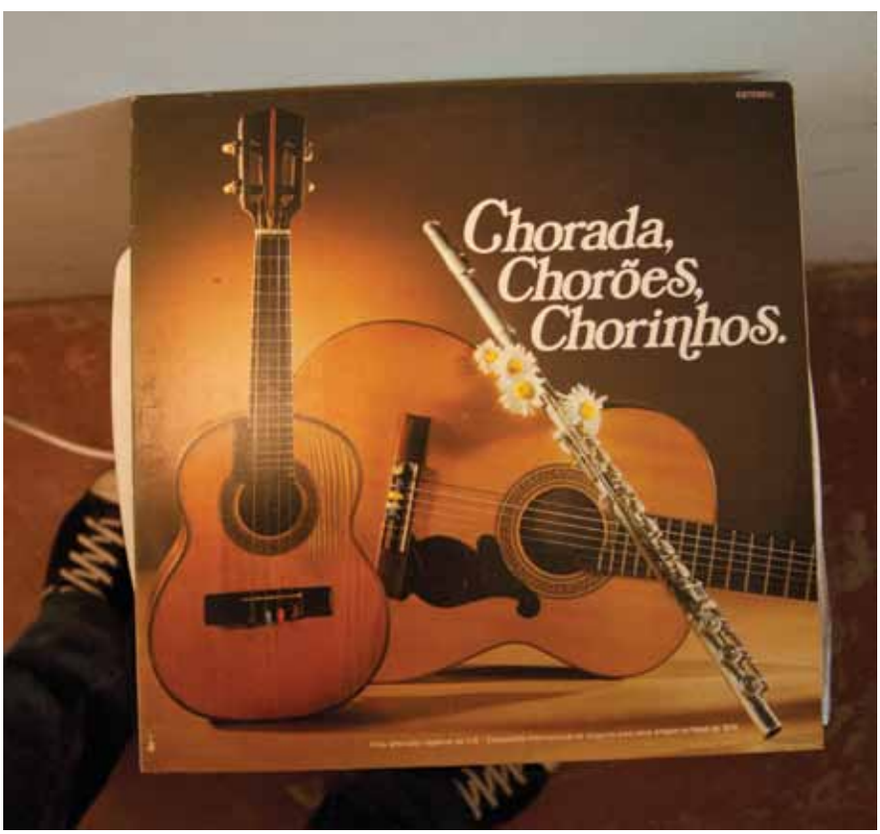
por Kelly Nascimento

As doações ao Instituto Cultural Cravo Albin não param de aumentar. É o que conta o presidente e fundador da instituição, Ricardo Cravo Albin, entre feliz e preocupado. Se por um lado ele viu o acervo relacionado à música se multiplicar em 13 anos, por outro também cresce o número de itens que precisam de tratamento adequado. Mas Ricardo, com o auxílio da Faperj, zela pelo acervo como se fosse seu anjo da guarda.

A lista de doadores do ICCA ultrapassa 150 pessoas. Vai de Julio Lopes a Nélida Piñon, passando por Pery Ribeiro, Joaquim Falcão, vários embaixadores como Roberto Assumpção, René Haguenauer e muitos doadores que não são conhecidos do grande públicos. É a generosidade de todos eles que faz do ICCA um verdadeiro museu da Música Popular Brasileira.

As peças doadas são diversificadas: LPs, vitrolas, instrumentos musicais, vestimentas e partituras. Em geral, o Instituto recebe três doações por mês. "O acervo do ICCA cresce a cada mês em progressão geométrica porque as doações não param de chegar. Dividem-se em pequenas, médias e grandes", afirma Ricardo Cravo Albin.

Recentemente, o Instituto recebeu uma doação de peso de Celina Saes, Guaratinguetá (SP): 30 mil itens que pesam cerca de cinco toneladas. "Essa coleção é um acúmulo de discos, LPs e 78 rotações por minuto, guardados pelo pai de



Celina, que era proprietário de uma rádio local. Ele passou 30 anos, entre 1940 e 1970, recebendo lançamentos importantíssimos do eixo Rio-SP", detalha Ricardo.

Por pouco o material não ia parar no Museu da Imagem e do Som (MIS) de São Paulo. "Celina já estava em negociação com o MIS, mas viu uma entrevista minha na Globo News. Uma frase que eu disse a fez acreditar que o ICCA poderia receber o material: 'Eu trato nossos discos com fraldas e talquinho'. Ou seja, como um bebê", recorda.

O material tem achados como discos gravados em SP especificamente para a colônia japonesa, durante a guerra. São músicas de Luiz Gonzaga em japonês: *Asa branca*, *Respeita, Januário*, *Que nem jiló*. "O disco é interessantíssimo, toda a capa está em japonês, a não ser o nome das músicas e do autor", cita Ricardo.

"Precisamos de muito mais mão de obra para acompanhar esse crescimento gigantesco e assustador. No momento, contamos com bolsistas de iniciação científica e graduação cedidos pela Faperj"

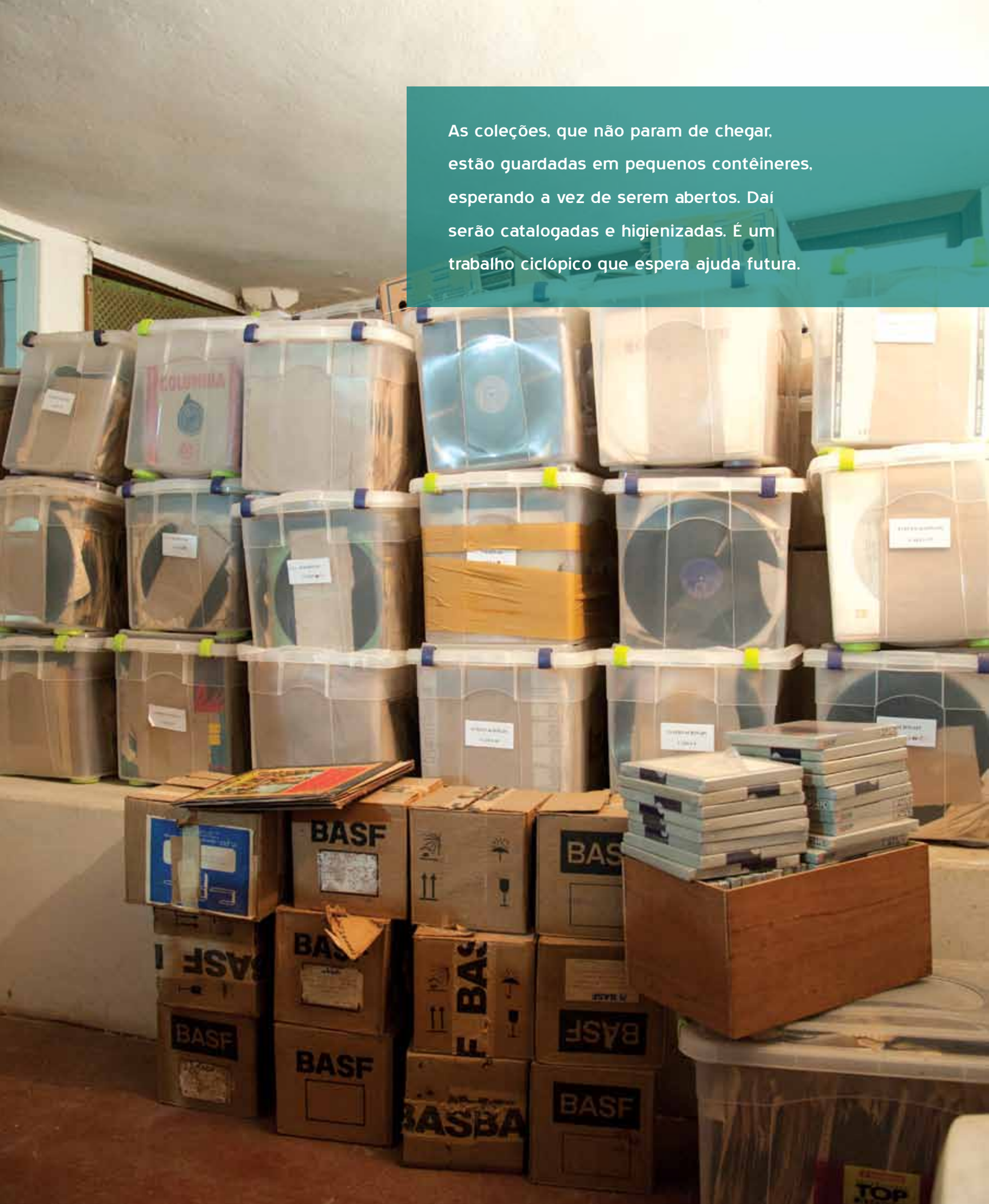
Ricardo Cravo Albin

Memórias do Canecão

Outra doação recente veio de Mario Priolli, do Canecão. "São 20 caixas de madeiras contendo toda a memória da mais famosa casa de shows do Brasil. Essas coleções, juntando com as demais, formam um acervo precioso que está sendo tratado vagarosamente, à medida que só temos o apoio valioso da Faperj", diz o fundador do Instituto.

Atento à importância do acervo, o próprio presidente da Faperj, Ruy Garcia Marques, liberou um projeto do ICCA exclusivamente para tratar dessas coleções novas que chegam sem parar ao Instituto. "A projeção de trabalho é geométrico, quando se trata de recebimento e captação de material, e aritmético no sentido de higienização, catalogação do material. Ou seja, nós estamos no Instituto permanentemente em déficit de trabalho e progressão, já que os acervos não param de chegar", explica Ricardo.

Os desafios para se manter a memória da música brasileira são muitos. "Precisamos de muito mais mão de obra para acompanhar esse crescimento gigantesco e assustador. No momento, contamos com bolsistas de iniciação científica e graduação cedidos pela Faperj. Precisamos também de espaço. A área do ICCA está começando a ficar estrangulada por conta das doações que não param de chegar."



As coleções, que não param de chegar, estão guardadas em pequenos contêineres, esperando a vez de serem abertos. Daí serão catalogadas e higienizadas. É um trabalho ciclópico que espera ajuda futura.

COLEÇÕES

Entre as doações mais preciosas do ICCA está a de Nélida Piñon, que doou em torno de mil LPs. "Os discos estão todos magnificamente bem conservados, muitos dos quais autografados por grandes personagens da MPB, antecedidos por carinhosas dedicatórias", conta Ricardo Cravo Albin. Igualmente generosa, a família de Ivon Curi foi das primeiras a entregar em comodato o belo acervo, tanto de troféus quanto de discos do querido *chansonieur*, que teve grande sucesso em filmes, rádios, discos e shows.

O cantor Pery Ribeiro contribui com o acervo doando o violão do pai, o compositor Herivelto Martins. "Eu acho que uma peça como o violão do meu pai, instrumento com que ele compôs tantas coisas bonitas deveria ser guardado com todo carinho. E o Ricardo tem um grande carinho pela música, o Instituto tem um acervo fantástico, do qual Ricardo cuida com muito empenho mas também com preocupação. O ICCA é de uma importância fundamental. É uma forma de homenagear também a obra do meu pai", diz.

Outro doador é o embaixador René Haguenauer, juntamente com o embaixador Alcides Guimarães, doou uma coleção de discos de MBP de música clássica. "Tinha medo de que essa coleção se perdesse ao longo dos anos. Então eu e um amigo perguntamos ao Ricardo se ele tinha interesse em receber esses discos. Nos deu muito prazer em saber que discos tão importantes em nossas vidas — já que a música acompanha bons momentos da vida — vão ser bem guardados e acessíveis a outras pessoas. Somos muito gratos pelo Ricardo por ter criado um Instituto tão importante para a música brasileira. Deveria ter outros Ricardos por aí", comenta o embaixador.

As doações não param porque há confiança no trabalho do ICCA. "Todos doadores recebem do Instituto uma carta de agradecimento e saem com a certeza de que suas preciosidades estarão em boas mãos. Para nós, do Instituto, fica a inquietação para dar conta de preservar cada item da melhor maneira possível", diz Ricardo. A MPB agradece.

A FLOR DO LÁCIO, CULTA E BELA

POR MÔNICA SINELLI

Carioca da gema por naturalidade e cosmopolita pelo timbre de uma grei espanhola desbravadora, ela é uma brasileira que gira o mundo recolhendo histórias, geografias, imagens, aromas, sabores, saberes, afetos. Desses mapeamentos particulares, extrai uma escrita que se converte na essência de um coração andarilho em plenitude. Eis a navegante infatigável, voraz investigadora de almas, imortal das belas letras, Nélida Cuiñas Piñon.

Por recear que lhe trocassem o bebê na maternidade de um hospital, a sábia Carmen opta pela prudência: dar à luz a filha em casa, que era de vila — em Vila Isabel — e construída por seu pai, o galego de brilhantes olhos azuis Daniel. Poderia ser mais carioca e bem-vinda essa criança, que, não obstante o casulo acolhedor, desde cedo se imaginou o próprio Simbad, tamanho o atávico ímpeto aventureiro? "Naquela caverna amorosa, familiar e amiga, foi sempre tão fácil ser feliz", escreverá em suas memórias, mais de sete décadas depois. "Mesmo que a casa dos avós não recordasse uma chácara típica de Vila Isabel, bastava eu atravessar a rua para colocar-me à sombra dos telhados vizinhos. Em uma destas casas, assumindo o papel de heroína, eu montava na garupa de um cavalo imaginário, que batizei de Pégaso, e fazia o animal galopar, despejar fogo pelas narinas, sem ele e eu esgotarmos o fôlego. Com este Pégaso, tão alado quanto eu, ia para todas as partes, subia a copa da mangueira para enxergar o eixo do mundo", recapitulará Nélida Piñon em seu *Coração andarilho*, lançado em 2009.

O pai, Lino, é bem verdade, antes preferiria um herdeiro homem. Almejava a um filho famoso, condição que somente um varão seria capaz de atingir. Mas logo se arrebatou perdidamente pela recém-nata. E a conduziu pelo fascinante território dos livros. "Ao sairmos juntos, à aproximação de um conhecido, retirava do bolso os recortes com textos da filha adolescente, publicado nos jornais da colônia espanhola. E ainda que lhe pedisse contenção, de nada valia. Afinal a filha era o seu talismã, o melhor da sua vida. Enfatizava ao mostrar os recortes: Ainda será uma grande

Nélida bebê

Nélida ao centro com Lino (pai), Carmen (mãe), Amada (avó), Daniel (avô), Celina e Avelina (tias)

"Anunciei há anos o aparecimento de uma escritora que se tornou genial, Clarice Lispector. E agora faço o mesmo com Nélida Piñon"

Dinah Silveira de Queiroz

escritora", anotará Nélida em suas memórias.

Grande e famosíssima, cumprindo condignamente as aspirações do comerciante Lino. Já no romance de estreia — *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo*, em 1961 —, a recepção no meio literário é auspiciosa. Dinah Silveira de Queiroz, por exemplo, chancela: "Anunciei há anos o aparecimento de uma escritora que se tornou genial, Clarice Lispector. E agora faço o mesmo com Nélida Piñon". Palavras consagradoras, que se amplificarão, rotineiras, ao longo da trajetória da autora de edições como República dos Sonhos (prêmio de melhor livro de 1985 da APCA-Associação Paulista de Críticos de Arte de São Paulo) e Vozes do Deserto (prêmio Jabuti de melhor romance de 2005, ano em que recebe também o prêmio Príncipe de Astúrias das Letras, concedido na cidade espanhola de Oviedo ao primeiro escritor de língua portuguesa). Os inumeráveis títulos e láureas,

Retrato no último ano do curso Clássico

Ao lado, ponte medieval do séc. XV. Acima, a capela Nossa Senhora de Lourdes, em Borela, Cotobade

que galgam escala internacional, a bordo de traduções em mais de 20 países, condecoram o premonitório sonho de Lino. E enchem de orgulho os brasileiros.

PORTO SEGURO

A família correspondeu sempre a um refúgio apaziguador e de incentivo para a futura ocupante da cadeira nº 30 da Academia Brasileira de Letras (ABL) — eleita em 1989, sucedendo a Aurélio Buarque de Holanda, e empossada como a primeira presidente mulher sete anos depois, por ocasião do centenário da instituição. Carmen, a mãe extremosa, tentou o inimaginável a fim de que a filha não precisasse operar o piloro. "Eu não comia. Na angústia de lutar por mim, o que englobava me levar de bonde para tomar banho de mar na praia do Flamengo, ela soube que pesar o bebê no açougue trazia sorte na busca por ganho de peso. E assim fez, pediu licença ao açougueiro, me envolveu numa toalha e me sentou na balança. Mais tarde, falei: Minha mãe, lhe dei tanto trabalho, a senhora fez tantos sacrifícios para que eu engordasse, que me tornei uma mulher apaixonada pela comida. Este gosto também representa uma herança de meu avô Daniel, cujo nome descobri, posteriormente, configurar um anagrama do meu. Fui pavimentada pelo amor materno e paterno. Um dos ingredientes que me sustentaram para que eu pudesse ser o que sou foi o amor — a família me amava muito —, que constitui uma doutrina, uma postura diante da vida."

"Amei a capelinha de Borela, localizada após a ponte, desde que a vi. Visito-a com frequência e, em geral, encontro-a cerrada. Tal abandono me desconcerta, não sei o que fazer para salvar a minha infância"

(texto de *Livro das horas*, de 2012)

Daniel marcou indelevelmente os *modales* apreendidos pela neta. Junto à inseparável esposa Amada, pegava a menina — já morando em Botafogo com os pais, embora continuassem a visitar semanalmente a família em Vila Isabel — para longos passeios no Centro da cidade.

Nélida Piñon e o rei do lar Gravetinho

Assinatura no livro do centenário da ABL, em presença do presidente Austregésilo de Athayde

Discursando na posse da presidência da ABL, em 1996

Após contemplarem as fachadas dos edifícios ("meu avô entendia de construção, por isso sou metida a falar de obras"), o programa se estendia aos restaurantes de tradição ibérica. "Ele me ensinava como pedir pratos, ressaltando: Caso não aprove, devolva. E em sua casa, onde a comida era uma fartura, pontificava: Se não sobrou, faltou. Herdei esse costume dele. Gosto da mesa farta, que meus amigos estejam bem, me preocupo, faço isso com doçura, mando lhes entregar um bolo, dou presentes. Adoro visitá-los, porque é um privilégio quando alguém abre a porta para nós entrarmos. Vemos a fidalguia dos anfitriões, fruímos o prazer de conviver com a estética soberana de cada qual. De conhecer sua sensibilidade, seu gosto, o legado dos pais. Existe uma continuidade cultural na casa de uma pessoa. Não se trata de avaliarmos se tem dinheiro ou não, mas de acompanharmos a história alheia."

Deli Piñon

Nélida também aprecia receber os amigos em seu apartamento na Lagoa Rodrigo de Freitas, onde opera uma autêntica *delicatessen* abastecida por iguarias que ganha de presente em seus infindáveis giros pessoais e profissionais pelo Brasil e o mundo inteiro. São queijos, goiabadas, compotas, conservas, chocolates, latinhas do melhor atum, aliche... Tudo, lógico, classificado por datas e respectivas especificações. "Gosto de preparar bacalhau, polvo, peixes, paella. E de temperar pernil, porque invento tanto que não consigo repetir o que criei. Organizo integralmente os jantares que ofereço, faço mapas para a cozinha com a composição de cada prato — que depois vão para o arquivo. Coleciono vídeos de chefes internacionais, a que adoro assistir, ao lado de filmes de *western*, que me distraem."

O cruzamento entre a sofisticação clássica e a sensibilidade popular vem lá da infância. "Sempre transitei nos dois universos — explica a neta de Amada, que não deixou Daniel construir uma casa para abrigar toda a família nas férias de verão passadas em São Lourenço, pois queria que as crianças vivenciassem uma certa experiência cosmopolita propiciada pelo cerimonial dos hotéis. Tive uma mistura de formação rara. Ao mesmo tempo em que frequentava o Municipal, ia aos teatros Carlos Gomes e João Caetano, na praça Tiradentes e, inclusive, ao auditório da Rádio Nacional, em que via as apresentações de Marlene e Emilinha e os programas de Cesar

Na Galícia, enquanto escrevia *Tebas do meu coração*

Escrevendo *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo*, em Friburgo

Ladeira. Conheço bem o subúrbio carioca. Meu avô alugava carros com capotas arriadas para brincarmos de batalha de confetes no carnaval de rua. Organizávamos piqueniques em Paquetá, levando galinha assada, bife a milanesa, ovos cozidos. Eu era muito feliz ao desfrutar de tudo isso. Meus tios gostavam de mim por eu ser alegrinha, não reclamava de nada, pois não sou mulher de reclamar — exceto quanto ao que julgo essencial, mesmo assim passando em revista se é de fato essencial. Essas experiências terminam estabelecendo convívios afetivos interessantes, nos dando memórias potentes por pertencer a algo com solidez, raízes. Hoje, somos falsamente ricos, fingimos que somos americanos, desprezamos a própria cultura — a cultura do cotidiano." E complementa: "Nunca aceitei os convites para morar no exterior. Não posso imaginar minha vida fora do Brasil, não tirei nem sequer o passaporte europeu a que teria direito. É uma união profunda a que mantenho com esse país. Acho que tal amor procede do momento em que meu avô, aos 12 anos, tomou um barco em Carballedo e veio tentar a vida aqui, sem um tostão. Somos marcados pela experiência pretérita, que dá uma configuração a nossa vivência de hoje, que não é nova ou inaugural, mas antiga, vindo pejada de tudo o que se herda, das narrativas alheias."

como vai, senhor machado?

Mergulhada agora nessas vastas memórias, Nélida avança: "Falavam muito para mim sobre aquela Europa, aquela Espanha, aquela Galícia, que eu pensava ficar perto de Copacabana por não ter ainda noção de geografia. Quando decidiram me levar para conhecê-la, os preparativos para a viagem de navio foram intensos. Afinal, iríamos com os avós para uma nação empobrecida, miserável, derrotada, fora das linhas de crédito por causa da ditadura de Franco. E envoltos no espírito dadivoso do imigrante que regressa bem-sucedido. Além das chamadas bagagens de porão, minha mãe mandou fabricar uma mala — que se vê em filmes de Fellini e com a qual os artistas de antigamente viajavam, dependurando os figurinos nos cabides — capaz de armazenar em suas gavetas todos os produtos que perecessem: latas de marmelada, café em grão, conservas, sabonetes, sedas, roupas. Ao desembarcarmos em Vigo, detestei o cenário encontrado. Frio, neblina, mulheres de luto vestidas de negro, pronúncias guturais... imagine o que isso significou para uma menina brasileira, do sol. Como chovia,

os diversos automóveis que vieram nos buscar não conseguiam vencer o lamaçal dentro de Cotobade, a aldeia de meu pai. Chegaram então os carros de boi. Tudo me pareceu ficcional, um extraordinário espetáculo cinematográfico de feição épica. Mas atravessamos uma ponte medieval, linda, esverdeada pela pátina do tempo. Em seguida, avistei uma capelinha modesta e tive uma emoção profunda. Fiquei tão fascinada que pensei: vou amar essa terra para sempre."

E de volta às nossas coisas, às coisas nossas, como diria seu conterrâneo Noel Rosa, Nélida faz um retrospecto do período em que gestou *Tebas do meu coração* (1974), na cidade serrana de Friburgo. "Eu estava imensamente desanimada com o Brasil da ditadura. Achava-o tão provinciano, acanhado e, sobretudo, sem saída, sem luzes, que pensei que nunca mais fosse escrever. O livro surge, então, dessa crise, como uma forte metáfora da situação nacional à época. Defino o país pela extravagância da história contada, em que nada se fixa, os valores são tênues, os personagens, alienados, desvinculados da realidade. O Brasil em muitos momentos se mostra colonizado demais. Há falta de senso crítico, aceitam o que se impõe, quando poderiam exigir bem mais, porque lhes seria de direito. Por isso, é um milagre a existência de Machado de Assis aqui. Mulato, autodidata, epilético, tartamudo. E um gênio extraordinário. É a pessoa de quem mais gosto no país. Antigamente, eu chegava e conversava discretamente com ele na ABL: o senhor vai bem? Cumprimentava."

O Gravetinho é pop

Se a dona da casa com vista hipnotizante da Lagoa é a eminente imortal da ABL, o indiscutível rei do lar se apresenta como Gravetinho. O nobre cavalheiro não é lá dos mais sociáveis, previne Nélida à entrada na sala de seu cachorrinho para a sessão de fotos. Tanto que o Pinscher só aquiesce em posar mediante a oferta de biscoitos amanteigados. Não, absolutamente, Dom Graveto não consome alimento sintético embalado a vácuo e vendido em *pet shop*. "Faço todo o menu dele para a semana. E vario, num dia carne, no outro, peixe.... embora ninguém concorde comigo. Cachorro é carnívoro, e inventaram a tal

Na Provence

Carioca da Vila Isabel de Noel, seu respeito pela música popular a fez proclamar, quando presidia a ABL, as 12 canções mais importantes do século XX, votadas por elenco de grandes críticos coordenados pelo Instituto Cravo Albin

da ração. Ele tem paixão por frango — quando sente o cheiro, enlouquece —, que não lhe cai bem. Conclusão: frango não entra na minha casa, pois não vou fazê-lo sofrer. Mas estou sonhando, doida para comer um frango assado. E tem que ser aquele de ´televisão da padaria´. Sou dos refinamentos e da comida popular."

A imponente Doutora *Honoris Causa* de universidades como Poitiers (França), Santiago de Compostela (Espanha), Rutgers (EUA) e Montreal (Canadá) se enternece: "Gravetinho, que também pode ser doce e encantador, vem me ensinando muito. Nunca pensei que precisasse aprender tanto com um animal. Temos uma intimidade profunda, cuido o dia inteiro dos interesses dele, a quem trato como um príncipe, tento adivinhar o que pensa e sente. Nunca gritei para ele, que fica deprimido quando me ausento, por isso minhas viagens são cada vez mais curtas, porque não quero que se entristeça. É só delicadeza e carinho. Eu não estava preparada para esse amor. Como me apaixonar por um bichinho, uma mulher aventureira feito eu, do mundo... Há retratos dele em vários gabinetes da ABL, porque é bastante popular."

Trata-se, efetivamente, de um caminhar desde sempre impregnado de páginas vibrantes, inventividade, desbravamentos, paisagens, paladares, afetos. "Se a literatura obedecia a uma vocação exigente, a vida, por sua vez, cobrava-me também a entrega absoluta", registrou Nélida em *Coração andarilho*. Ou, como já anunciava em seu romance de estreia: "Tenho apetite de almas."

A frase, tão contundente, transmutou-se no título da linda fotobiografia assinada por Bethy Lagardère, em 2013, inventariando a fabulosa estrada de sua autora por terra, mar e ar desenhada até aqui. De tal modo intensa e apaixonada que levara a protagonista a lançar, no ano anterior, uma outra perspectiva de memórias — o *Livro das horas*. Nele, a marinheira Simbad, nomeada Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres pelo governo francês, ensina: "A história da amizade é um prodígio humano. Suas regalias e emoções tombam no meu regaço e as acolho. Agarro-a contra o peito e guardo-a no cofre, não posso perdê-la." E segue, aquela menina que subia na copa da mangueira em Vila Isabel para vislumbrar o eixo do mundo — tendo lhe conquistado em plenitude —, a singrar os misteriosos mares da imaginação.

monicasinelli@globo.com

Música e comunicação corporativa podem ser uma coisa só.

Tudo depende de quem toca o instrumento.

Insight

Rio de Janeiro • Rua do Mercado 11 - 12º andar • Praça XV • Rio de Janeiro, RJ • CEP 20010-120 • Tel: (21) 2509-5399
São Paulo • Rua Bela Cintra, 746 - Conjunto 71 • Consolação • São Paulo, SP • CEP 01415-002 • (11) 3284-6147

www.insightnet.com.br

Com a bola toda no carnaval

por Rubeny Goulart

O presidente do Cordão da Bola Preta, Pedro Ernesto Marinho, consome-se em risadas quando, por vezes, ouve falar que o carnaval de rua do Rio de Janeiro está morrendo. Ele tem um recado para os teóricos apocalípticos da grande festa pagã carioca e outros mal-humorados: até hoje, em 96 anos de existência, o Cordão da Bola Preta, o mais antigo, numeroso e democrático bloco de rua da cidade, jamais deixou de desfilar. E a seu reboque, sim senhor, sobreviveram e vieram outros tantos blocos. "O Bola Preta sempre manteve acesa a chama do carnaval das ruas", diz Pedro Marinho, que assumiu a presidência do clube em junho de 2007.

Nem mesmo em 2008, quando teve que entregar sua antiga sede, na Avenida 13 de Maio, palco de bailes animadíssimos ao som de grandes orquestras, o Bola Preta deixou de desfilar. Naquele fatídico ano, tanto na sexta-feira, véspera do carnaval, quanto no sábado, na abertura oficial, seus foliões que, nos últimos anos, contavam-se aos milhões, invadiram a Avenida Rio Branco em alucinada alegria. E mesmo na crise mais aguda nunca faltou nos bailes do Bola Preta, disputadíssimos, a tradicional feijoada, antes ou depois do desfile, ao gosto — e estômago - do folião. O Bola, Quartel Geral do Carnaval, como se autodenomina, tem sido, sim, o herói da resistência do maior espetáculo da terra.

Ora, se, de fato, o carnaval de rua carioca teve períodos de esvaziamento, quem segurou a onda foi a famosa Banda Show do Bola Preta que, arregimentando multidões, executava os grandes sucessos carnavalescos e inspirava as centenas de blocos que foram surgindo nos últimos carnavais. De fato, todos os anos, o desfile é aberto ao som da *Marcha do Cordão da Bola Preta*, composta por Nelson Barbosa e Vicente Paiva, para ser, depois, encerrado com a emblemática *Cidade maravilhosa*, composta por André Filho, em 1934.

O carnaval de rua carioca teve períodos de esvaziamento; quem segurou a onda foi a famosa Banda Show do Bola Preta que, arregimentando multidões, executava os grandes sucessos carnavalescos e inspirava as centenas de blocos que foram surgindo nos últimos carnavais

Marcha do Cordão da Bola Preta

Quem não chora não mama
Segura, meu bem, a chupeta
Lugar quente é na cama
Ou então no Bola Preta

Vem pro Bola, meu bem
Com alegria infernal
Nessa alegria infernal
Todos são de coração
Todos são de coração
Foliões do carnaval
Sensacional

Criada e, durante anos, comandada pelo maestro Sodré, a Banda Show, também chamada de Sinfônica do Carnaval, tem hoje a batuta do Maestro Quintanilha e é constituída de quase 30 músicos, que tocavam não só nos eventos de carnaval, como também em ensaios de escolas de samba, aniversários e casamentos. Outras orquestras, como a do maestro Cipó, Waldyr Calmon, Peter Thomas, Tabajara, Tupy, Comander, Soma e Reveillon New Band animavam os sempre badalados bailes de carnaval do Bola Preta. Hoje, em sua atual sede, na Rua da Relação, na Lapa, o repertório musical das suas festas realizadas durante ano, é mais eclético e inclui black music, samba e pagode.

No passado, a boa música dos salões era também compartilhada por grandes nomes da MPB, como Pixinguinha, Mário Lago, Ataulfo Alves, Emilinha Borba, Dalva de Oliveira, Jorge Veiga, Jorge Goulart, Gilberto Alves, Jamelão, João Roberto Kelly, Beth Carvalho, Elizete Cardoso, Alcione e muitos outros. Hoje, o Cordão da Bola Preta, que tem como padrinho o sambista Negui-

nho da Beija-Flor e madrinha a cantora Maria Rita, continua sendo prestigiado pela classe artística. Nos últimos anos, desfilaram no bloco muitos famosos, como as atrizes Leandra Leal e Desirée Oliveira. Em 2 de outubro de 1971, no auge da Jovem Guarda, o Rei Roberto Carlos fez um show que ficou registrado nos anais.

Os bailes do Cordão da Bola Preta também tiveram a presença de grandes expoentes da política brasileira. Conta-se que certa vez o ex-presidente Getúlio Vargas chegou a deixar o baile do Theatro Municipal para participar do carnaval na sede do Bola Preta. O ex-governador do Estado da Guanabara, Negrão de Lima, era presença fácil no salão.

Mas é nas ruas que o Bola Preta mostra a força de sua tradição quase centenária. Todos os anos, no sábado de carnaval, a partir das

O cortejo sai da Cinelândia, ao lado do Theatro Municipal, serpenteia pelas ruas do Centro da cidade para, já no meio da tarde, chegar até a Praça Tiradentes. É manifestação espontânea da cultura carioca

9 horas, um formigueiro de foliões em preto e branco invade a Avenida Rio Branco, entre a Candelária e o Obelisco. O cortejo sai da Cinelândia, ao lado do Theatro Municipal, serpenteia pelas ruas do centro da cidade para, já no meio da tarde, chegar até a Praça Tiradentes. É manifestação espontânea da cultura carioca, que tem o primado da democracia: turistas, crianças, portadores de necessidades especiais, velho e moços, todos se unem para a festa. Em 2012, o bloco atraiu cerca de 2,5 milhões de pessoas, segundo a PM, quando tomou informalmente do Galo da Madrugada, de Recife, o título de "maior bloco do mundo".

Fundado em 1918 num prédio da Rua da Glória, no centro do Rio, por um grupo de dissidentes do Clube dos Democráticos, na Lapa, o Cordão da Bola Preta tornou-se Patrimônio Cultural da cidade e símbolo do carnaval carioca. O primeiro desfile, em 13 de dezembro daquele ano, já havia levado milhares de pessoas às ruas, muitos vestindo roupas ou fantasias brancas com estampas de bolinhas pretas. E aí também tem história. Consta que em 31 de dezembro de 1918, quando os membros do bloco, chamado então de *Só se bebe água*, reunidos no Bar Nacional, na Avenida Rio Branco, discutiam um novo nome para a agremiação, viram passar na rua uma bela mulher com um vestido branco de bolinhas pretas. Alguém deu a ideia: "Cordão da Bola Preta". E assim ficou.

Note-se que os cordões carnavalescos eram agremiações recreativas muito populares no final do século XIX e início do século XX e se notabilizavam pelos seus foliões mascarados, que caminhavam e dançavam em fila. Aos poucos, foram sendo substituídos pelos ranchos e depois pelas escolas de samba e blocos carnavalescos. Embora tenha herdado dos cordões o nome, o Bola já nasceu como um bloco, demarcando a transição para as novas agremiações carnavalescas que começaram a surgir na cidade.

Essa história do mais antigo bloco carioca está sendo contada desde 2011 pela Arco Cultura, sob a coordenação da arquiteta Heloísa Alves, que vem reunindo e digitalizando fotos e documentos selecionados em jornais e do próprio acervo do Bola Preta. O material, boa parte em más condições de conservação, está sendo recuperado para ilustrar um livro sobre a história do Bola Preta e outro sobre os 100 anos do Carnaval carioca.

O primeiro desfile, em 13 de dezembro de 1918, já havia levado milhares de pessoas às ruas, muitos vestindo roupas ou fantasias brancas com estampas de bolinhas pretas

Em fevereiro de 2012, Heloísa organizou a exposição "Nove décadas animando o carnaval carioca", que foi exposta durante um mês no Largo da Carioca com fotos, textos e documentos do acervo do Bola Preta. Na mostra, uma montagem em estrutura tubular, em um espaço de 7,5 m x 10 m, foram expostas fotos da fundação do bloco, desfiles e personagens que fizeram a história do Bola Preta.

O acervo recupera imagens preciosas como a de Chico Brício, um dos fundadores, e de seu amigo Caveirinha que, segundo crônica de um jornal da época, teria namorado a jovem de vestido branco com bolinhas pretas que deu origem ao nome do bloco. As fotos mostram também as primeiras rainhas do Bola Preta que, na verdade, eram homens vestidos de mulher, uma tradição que se mantém viva até hoje no carnaval. Entre as imagens, também estão ilustrações assinadas por Potoca, um famoso artista gráfico da época.

A restauração do riquíssimo acervo guardado no Bola Preta abriu espaço para aprofundar os estudos sobre as origens do próprio Carnaval carioca. As reportagens de jornais da época e outros documentos revelam como o poder público se relacionava com o evento. Há, entre outros, documentos mostrando a liberação, pelos censores, de material de divulgação dos desfiles e, mesmo, carimbos da polícia autorizando os estandartes.

O Bola Preta não teve um começo fácil. Inicialmente, com poucos sócios para bancar seus custos, o bloco só funcionava na temporada carnavalesca e ocupava imóveis alugados em vários locais da cidade. O primeiro foi na Galeria Cruzeiro, sob o Hotel Avenida, na Rio Branco, demolido anos mais tarde para dar lugar ao prédio do atual Edifício Central. Outros endereços foram a Rua da Glória, Rua do Passeio, Rua Senador Dantas, Avenida Treze de Maio e também na Rua Bittencourt da Silva, hoje saída do Metrô do Largo da Carioca para a Avenida Rio Branco, onde permaneceu por dez anos.

No dia 31 de dezembro de 1949 o Bola finalmente mudou-se para uma sede própria, localizada no 3° andar do edifício, do cabalístico número 13, da avenida 13 de Maio, no centro da cidade. Funcionou neste local até o dia 22 de janeiro de 2008, quando teve que desocupar o imóvel por falta de pagamento das taxas de condomínio.

Foi uma perda inestimável. Segundo Pedro Marinho, ao longo da década de 90 o Bola Preta, fragilizado pelo esvaziamento no seu quadro de sócios contribuintes e por um crescente índice de inadimplência, entrou em franca decadência. Diante do crescimento das despesas, os gestores não tinham a contrapartida na receita para fazer face aos pagamentos, e a saída foi vender a sede. Mesmo assim, uma semana depois, quando explodia o carnaval carioca, os milhares de foliões do Bola Preta foram presença marcante entre os blocos que desfilaram na Avenida Rio Branco. Nos quatro dias de folia, se acabaram na sede do Clube dos Democráticos, na Lapa.

Em 18 de novembro de 2009, o bloco inaugurou na Rua da Relação, na Lapa, sua nova sede, o Centro Cultural Bola Preta. O local tem espaço para shows com capacidade para 500 pessoas e o Bar do Bola, com fotos de antigos desfiles que contam a história do bloco. As instalações contam ainda com restaurante, salas de aula para formação e aperfeiçoamento de músicos, loja para venda de produtos Bola Preta e, claro, salão para bailes.

A perda da antiga sede ainda causa um travo no coração dos bolapretenses que o tempo não pode apagar. Mas, tristes ou felizes, eles nunca deixaram o samba cair e sempre marcaram presença na avenida neste quase um século de vida do Cordão da Bola Preta.

Luzes da cidade

por Rubeny Goulart

Com a chama dos lampiões a gás dantanho ou a moderna iluminação de LED, as noites cariocas sempre estiveram acesíssimas. Mas é bem verdade que o Rio não ferveria da mesma forma se não fossem as luzezinhas do entardecer. Muita luz às vezes atrapalha, como, por exemplo, nas "corridas de submarino". Na maioria das vezes, contudo, a luz realça a beleza, os contornos e as delicadezas. Graças a um convênio recente entre a Prefeitura e uma ONG ligada ao ex-governador da Califórnia, Arnold Schwarzenegger, até 2016 todas as lâmpadas tradicionais, que durante anos clareiam as ruas da cidade, serão substituídas pelas de LED, mais econômicas, resistentes e, portanto, sustentáveis. É muita luz. Mas sempre vai escurinho para os apaixonados.

Na verdade, desde a luz pálida dos velhos lampiões coloniais acesos pelos escravos com óleo de baleia até as modernas luminárias florescentes ou a neon, a iluminação pública no Rio de Janeiro vem passando por mudanças radicais. Mas o marco é a iluminação elétrica, que, em 1904, com a instalação da empresa canadense The Rio de Janeiro Tramway, Light and Power, tirou definitivamente o Rio de Janeiro das sombras. Na época, a Light adquiriu o controle acionário da então concessionária de iluminação a gás, a belga Société Anonyme du Gas de Rio de Janeiro. A nova companhia traria para o Rio as inovações que iriam clarear os becos e ruelas da cidade, proporcionando à população um novo estilo de vida noturna, até então restrito a poucos locais onde a iluminação a gás tinha chegado.

A história da iluminação do Rio de Janeiro é contada em detalhes no livro "Reflexos da Cidade", editada pelo Centro da Memória da Eletricidade do Brasil. Coordenada pela museóloga e historiadora Leila Lobo de Mendonça, o trabalho levou dez anos para ser concluído, tal o apuro da pesquisa. "Fizemos o levantamento iconográfico no Museu da República, Arquivo Nacional, Arquivo Geral do Estado do Rio de Janeiro e todos os acervos sobre a energia elétrica no Brasil", explicou a historiadora.

Pelos dados levantados sabe-se que, até o final do século XVIII, a Cidade Maravilhosa era um

Desde a luz pálida dos velhos lampiões coloniais acesos pelos escravos com óleo de baleia até as modernas luminárias florescentes ou a neon, a iluminação pública no Rio de Janeiro vem passando por mudanças radicais

Ilustrações e fotografias retiradas do livro
Reflexos da cidade – a iluminação pública no Rio de Janeiro

Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, em 1856

Em 1854, o gás que percorria os 20 quilômetros de encanamentos de ferro clareou toda a área central da cidade

verdadeiro breu. A pouca iluminação existente, motivada e custeada por devotos, resumia-se aos 73 lampadários espalhados em oratórios nas freguesias da Sé, Candelária, São José e Santa Rita. É de 1710 a primeira iluminação pública em caráter permanente na cidade, que consistia em uma luminária colocada no convento de Santo Antônio no Largo da Carioca.

Foi durante a gestão do Conde de Resende (1790-1801), 5º vice-rei do Brasil, que, pela primeira vez, a iluminação pública foi bancada pelo governo. As lanternas instaladas em seis postes abriu um clarão entre a Rua Direita, atual Primeiro de Março, e o Campo de Santana, onde mais tarde se instalaria a Corte. Em 1794 o governo instalou nos postes plantados nas ruas da cidade 100 lampiões e candeeiros de azeite.

Em 1808, quando a Família Real Portuguesa se instalou no Rio, houve um desenvolvimento acelerado da cidade, e junto veio mais luz. Com uma população que beirava os 60 mil habitantes, a Intendência de Polícia providenciou a instalação de iluminação nas vias públicas para aumentar a segurança, ameaçada pela proliferação de marginais. Pelo sistema de iluminação, à época, abastecido com óleo de baleia, do coco e da mamona, as lanternas ou lamparinas eram acesas ao anoitecer e apagadas de madrugada por escravos que dormiam nas ruas. Nas noites de lua cheia as luzes não eram acesas.

Décadas depois, frustradas pelo menos três tentativas de implantar no Rio de Janeiro a iluminação a gás, já presente na Europa, a cidade passaria por uma nova revolução tecnológica no campo da luz. A proeza coube a Irineu Evangelista de Souza, mais tarde Barão de Mauá, que à frente de um grupo de empresários inaugurou a iluminação urbana a gás no Rio de Janeiro a base de carvão mineral. Pelo contrato de concessão

Pessoas junto a poste de iluminação a gás no Largo da Misericórdia, em 1907

pública, o empresário comprometia-se a substituir 21 milhas de lampiões a óleo de baleia por outros, novos, de sua fabricação, erguendo uma planta de gás nos limites da cidade.

Os investidores só subscreveram as ações da Companhia de Iluminação a Gás quando, para a perplexidade geral, comparável à visão de uma aparição, foram acesos os primeiros lampiões, no centro da cidade. Em 1854, o gás que percorria os 20 quilômetros de encanamentos de ferro clareou as ruas São Pedro e do Sabão (ambas desaparecidas com a abertura da Avenida Presidente Vargas), a Rua do Ouvidor, a Rua Direita, a Rua do Hospício, atual Buenos Aires, a Rua da Alfândega e o Largo do Paço, atual Praça XV. Dez anos depois havia 5.051 combustores a gás, iluminando toda a área central da cidade.

Turma de acendedores de lampião, em 1930

Posteriormente, premido por dificuldades financeiras, Mauá cedeu os seus direitos de exploração a um grupo inglês que criou a Rio de Janeiro Gas Company Ltd. Em 1876 a concessão dos serviços de gás passou para a empresa belga Société Anonyme du Gaz de Rio de Janeiro.

Na virada do século, para uma população de 550 mil habitantes, havia no Rio de Janeiro mais de 500 quilômetros de tubulação instalados e 14.579 combustores públicos. Àquela altura a cidade já conhecia algumas experiências com iluminação elétrica, como, por exemplo, a substituição dos 46 combustores a gás da Estação Central da antiga Estrada de Ferro Dom Pedro II — atual Central do Brasil. A iluminação a gás trazida pelo Barão de Mauá, que parecia uma revolução quando foi implantada na cidade, estava com os dias contados.

Em 1904 instalou-se na cidade a canadense The Rio de Janeiro Tramway, Light and Power. A partir de então a eletricidade começou a se expandir exponencialmente e já dividia com as luminárias a gás a iluminação da Avenida Central, atual Avenida Rio Branco. Na Avenida Beira-Mar enfileiravam-se postes ornamentais com lâmpadas que iluminavam boa parte da Baia da Guanabara. Na década de 1920, a cidade tinha um milhão de habitantes, e a nova iluminação, feita com 10.846 lâmpadas elétricas contra 10.785 bicos de gás, clareava vários logradouros, como as avenidas Rio Branco, Presidente Wilson, Nossa

Jardim de Alá, década de 1940

Avenida Rio Branco, em 1921

Senhora de Copacabana, Atlântica e a maioria dos bairros de Botafogo e Copacabana.

Em 1924 foi inaugurada a nova iluminação da Praia de Copacabana. A visão feérica ao longo da pista, mostrando o arco de luz na extensão da praia, deixou os cariocas embasbacados. Foi a partir deste visual encantado que a Praia de Copacabana ganhou o apelido de "Princesinha do Mar".

Em 12 de outubro de 1931, a iluminação da estátua do Cristo Redentor, no Morro do Corcovado, que estava sendo inaugurada, foi acionada por Guglielmo Marconi, inventor da telegrafia sem fio. Na biografia de Marconi, de autoria de Filippo Garozzo, a proeza foi assim relatada:

"*Então todos ficaram olhando para o morro, esperando o milagre a ser produzido por um homem. E o milagre, pontualmente, aconteceu. O Papa e Marconi, em Roma, apertaram uma chave de transmissor; e um impulso rápido partiu da Cidade Eterna, deslizou sobre o Atlântico mais velozmente que o relâmpago, e atingiu o Cristo Redentor, construído sobre o Morro do Corcovado, na Baía de São Sebastião do Rio de Janeiro, a Cidade Maravilhosa. E o Cristo, de repente, ficou tão resplandecente e brilhante de luz que mais se assemelhava a uma festa! Parecia até outro Cristo, risonho e mais bonito, agora que estava iluminado e inaugurado pela mão do Santo Padre e pelo gênio de Marconi.*"

A façanha de Marconi é objeto de controvérsias. Há registros de que o cientista acionou o transmissor não de Roma, nem na presença do Papa, mas a bordo do seu iate Electra, que estaria fundeado na Baía de Nápoles, na Itália.

Em 31 de dezembro de 1933 foram apagados os últimos lampiões a gás existentes em 33 ruas do subúrbio carioca. Com a inovação, os suportes do tipo "coluna", propícios para o uso do gás, foram substituídos pelos postes ornamentais, com contornos afrancesados, com lampiões centenários, que ainda existem em alguns pontos da Tijuca, da Glória e no Alto da Boa Vista.

Ruas e praças, assim como os monumentos arquitetônicos da cidade, já poderiam ser admiradas no período noturno. Sentindo-se mais seguras, as pessoas saiam para as ruas com mais frequência à noite no Centro, em São Cristóvão, Maracanã, Tijuca e Botafogo. Outras artérias da cidade ganhavam luz própria, como a Rua do Riachuelo, a Praça da Bandeira e a Cinelândia. "A partir de 1930 entra em cena a tecnologia que iluminou melhor a cidade, mas levou consigo

Praça Paris, década de 1950

o romantismo dos velhos lampiões de gás", diz Leila Lobo.

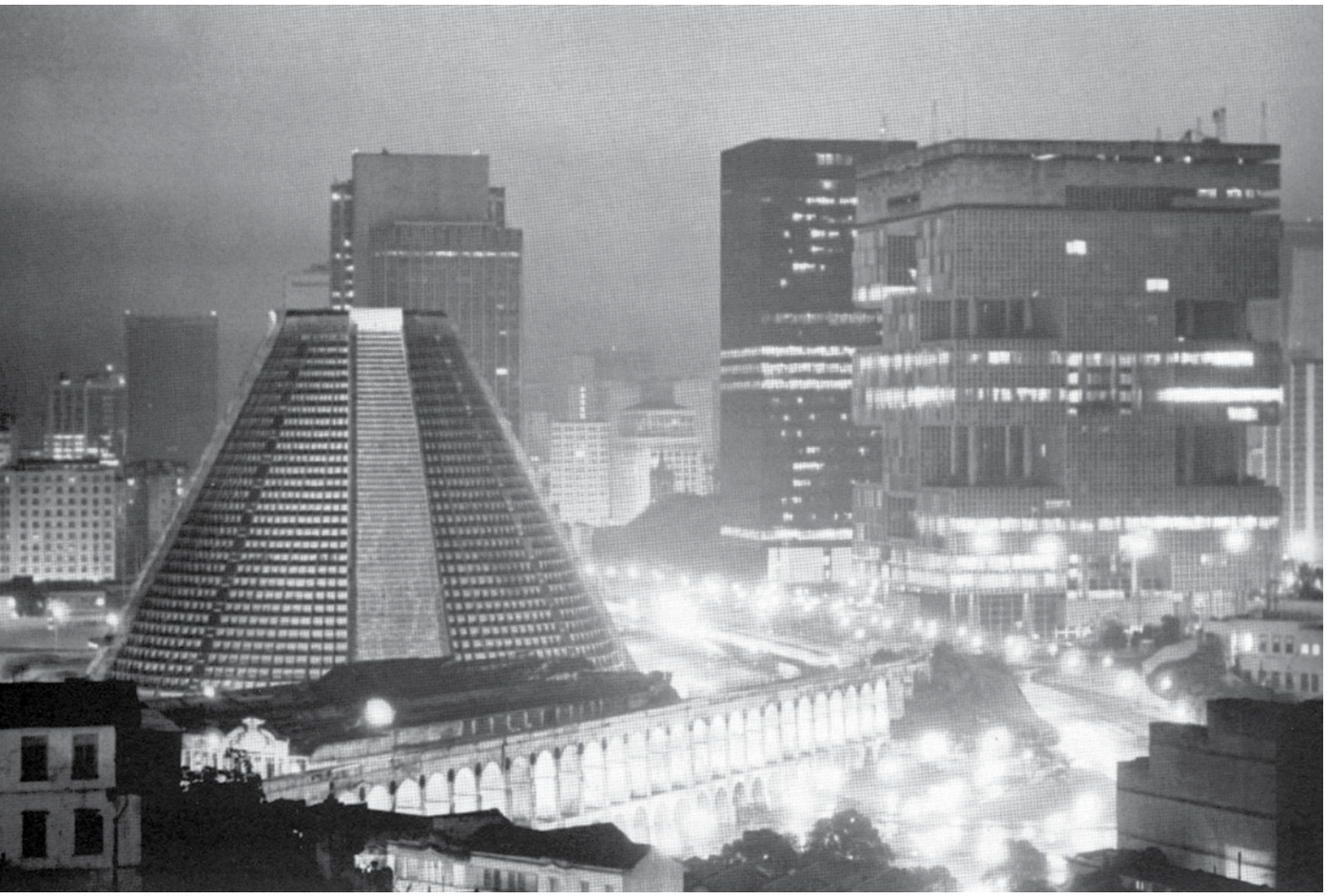
"*Somente em 31 de dezembro de 1933 foram substituídos por lâmpadas elétricas os últimos 490 combustores a gás (...). Não houve a menor solenidade. Foi pena, pois bem mereciam uma última e carinhosa homenagem. Viveram 79 anos, 9 meses e 7 dias.*"

Charles J. Dumlop — *Subsídios para a história do Rio de Janeiro*

Em 1950, quando "levado pelos braços do povo" Getúlio Vargas voltou a governar o Brasil, o Rio de Janeiro contava com 5.156 logradouros iluminados e 42.470 focos de luz. Era a cidade com a melhor iluminação do País. Nos anos 60, com a introdução das lâmpadas fluorescentes, a cidade ganhou mais luz. O novo sistema foi

"A partir de 1930 entra em cena a tecnologia que iluminou melhor a cidade, mas levou consigo o romantismo dos velhos lampiões de gás"

Leila Lobo, museóloga e historiadora



implementado no Túnel Santa Bárbara, em 1963, enquanto que o Aterro do Flamengo era iluminado com 106 postes de 45 metros de altura com seis lâmpadas a vapor de mercúrio de 1.000 watts cada.

Nos anos 1990, no rastro do Projeto Rio Orla, esforço do poder municipal de valorizar o espaço público, a nova iluminação das praias do Rio revelou uma nova paisagem noturna. O Programa de Iluminação Especial da Rioluz, em convênio com a Secretaria de Cultura, promoveu a iluminação artística na orla e nas fachadas dos prédios do patrimônio histórico, cultural e religioso da cidade. Além da iluminação das praias, ganharam novas luzes as fachadas da Academia Brasileira de Letras, os Arcos da Lapa, o Arquivo Nacional, o Centro Cultural da Marinha, o Museu da República, o Museu Histórico Nacional, o Paço Imperial, a Ilha Fiscal e o Instituto de Filosofia e Ciências entre outros tantos monumentos do acervo carioca.

Se por um lado, as novas tecnologias de iluminação tiraram de cena o charme e o romantismo dos antigos lampiões, as novas luzes da cidade passaram a revelar nos detalhes os melhores contornos de um Rio que explode de luz. É o custo e o benefício da modernidade. Se vale a pena? A resposta pode estar na visão noturna do Cristo Redentor, com suas luzes espectrais, nos flashes multicores disparados ao alto do Pão de Açúcar ou na elegância da luminosidade discreta do Palácio Guanabara. Na dúvida, recomenda-se andar pela praia até o Leblon para ver as ondas que explodem em reflexos prismáticos de luzes invasivas. Sim, somos todos iluminados.

NOTÍCIAS QUE VALEM DINHEIRO!

AQUI A INFORMAÇÃO CHEGA PRIMEIRO.

ASSINE

NEGÓCIOS & FINANÇAS

RelatórioReservado

www.relatorioreservado.com.br

www.facebook.com/relatorio.reservado

@relatorio

Távola da gula santa

por ELSON LIPER

Uma verdadeira tertúlia gastronômica é como poderia ser chamada a ágape promovida pelos 22 membros da Confraria do Barão de Mauá. Os merecidos felizardos se reúnem no restaurante Bazzar, em Ipanema, em uma reverência aos mais tradicionais cardápios do Brasil, sempre com convidados especiais. Os confrades exercitam com sabedoria o prazer de descobrir e dividir com amigos os encantos e origens de cada condimento, especiarias e histórias dos nossos quitutes.

Fundador da confraria e organizador dos encontros, o produtor cultural Paulo Roberto Direito encontrou na sugestão da amiga e sócia do Bazzar, Cristiana Beltrão, a receita perfeita que une gastronomia, cultura e lazer.

"Nós chamamos até de a confraria dos três Bês: Barão de Mauá, o nome da confraria, Barão da Torre, endereço do restaurante, e Bazzar, onde acontecem os eventos", conta Paulo Roberto sorrindo, na sala de seu apartamento em Laranjeiras, entre telas de arte moderna e objetos artesanais.

"Nós da Associação Comercial do Rio sempre fazíamos almoços temáticos, com a culinária de cada país, para os nossos convidados. Em um desses eventos nós convidamos a Cristiana Beltrão para dar uma palestra e em seguida conversamos com ela sobre a possibilidade de

Paulo Roberto Direito, Maristela Kubitschek e Ricardo Cravo Albin

fazer esses encontros no Bazzar, o restaurante dela", lembra.

Para Paulo Roberto, no entanto, seria necessário um viés especial, que desse a esses almoços um algo mais. "E foi da Cristiana a ideia de se ter para aquele dia um cardápio voltado à culinária de uma capital ou região brasileira, com ênfase aos ingredientes e à história daquele prato. Sempre convidamos uma pessoa para falar sobre o cardápio. A cada almoço temos um prato do Nordeste, da região Norte, enfim, de todo o país.

A estreia da Confraria do Barão no Bazzar foi no último trimestre de 2012 e o próximo será

"O brasileiro ainda quer mudar os pratos, substituir, alterar o cardápio. Pode trocar o purê por batata frita? Pode tirar isso e botar aquilo? Muda o prato todo. No exterior você não vê isso"

Paulo Roberto Direito
Fundador da Confraria do Barão de Mauá

Paulo Roberto Direito, Maria Beltrão e Ricardo Cravo Albin

no dia 24 de abril. O cardápio só será definido às vésperas do encontro, que é fechado aos convidados e ao Conselho Empresarial de Cultura da Associação Comercial do Rio, para o lamento geral da nação.

O crescimento do setor gastronômico, tanto como importante item cultural do país como opção de negócios e investimentos, vem enchendo os olhos de Paulo Roberto Direito. "Tanto a gastronomia, como a moda, até cinco anos atrás, eram consideradas artes menores. Hoje isso mudou. A culinária e a moda estão cada vez mais valorizadas no Brasil", garante Paulo Roberto.

Ainda esbarramos, no entanto, segundo Paulo Roberto, na falta de conhecimento e até mesmo respeito com relação à culinária de alto padrão. Seja por vícios culturais, seja por total desconhecimento do que é a arte culinária.

"O brasileiro ainda quer mudar os pratos, substituir, alterar o cardápio. Pode trocar o purê por batata frita? Pode tirar isso e botar aquilo? Muda o prato todo. No exterior você não vê isso", lamenta, sem conseguir conter o riso.

Carioca apaixonado pelo universo cultural, Paulo Roberto Direito é formado em Economia e só abraçou a cultura como profissão em 1986, após ser vice-diretor cultural da Universidade Cândido Mendes por 25 anos.

"A Cândido Mendes foi a primeira universidade a criar um polo de multimídia nos anos 1970. Tinha cinema, teatro, galeria de artes, cursos de extensão, com a primeira escola de moda. Eu fui da Candido Mendes de 1978 a 2010. Minha empresa (Radice Produções Artísticas e Culturais) foi criada em 1998", recorda.

Paulo Roberto não poupa críticas aos produtores culturais, que lançam mão dos recursos públicos, através de financiamento direto, ou renúncia fiscal, sem garantir espetáculos ou obras gratuitos ou a preços populares.

"Eu uso os benefícios fiscais. Mas todos os meus projetos são gratuitos. Eu recebo dinheiro do estado e ainda vou cobrar ingressos a cem ou duzentos reais? Isso é um absurdo. Esse pessoal de teatro então, chia muito. Diz que meia-entrada é prostituição... Aí você vai ver que as grandes peças de teatro são monólogos, sem nenhuma estrutura que justifique o preço do ingresso, e

Maria Eugenia e Reinaldo Paes Barreto

o cara ainda recebe o patrocínio do dinheiro público. Isso está errado", questiona.

Vascaíno apaixonado, Paulo Roberto Direito só perde a esportiva e o apetite quando o assunto é política. Crítico feroz da prática das alianças partidárias a qualquer preço, ele usa as mídias sociais para desabafar, principalmente o Facebook, com postagens quase que diárias.

Inovar é a melhor receita

Fundado em dezembro de 1998, no Rio de Janeiro, o restaurante Bazzar estabeleceu-se rapidamente como marca de vanguarda, trazendo inovações em ambiente, gastronomia e em suas cartas de vinhos e cervejas artesanais. Desde então, a equipe de cozinha e salão do Bazzar coleciona elogios da crítica especializada.

Dois anos e meio após sua inauguração a marca viu na parceria com a Livraria da Travessa o salto para novas fronteiras. Foi assim que surgiram os Bazzar Cafés, que rapidamente se transformaram em "points" gastronômicos e culturais. "Uma mistura de café e restaurante, onde se pode encontrar refeições incríveis e ligeiras em qualquer momento do dia", apresenta-se.

As inovações, porém, não pararam por aí. Para que os clientes do Bazzar pudessem levar a experiência gastronômica obtida nos restaurantes para casa foi lançada em 2007 a linha Bazzar Especialidades.

Somente os produtos que mantiveram o mesmo sabor e qualidade em escala industrial entraram no mercado. À procura dos melhores canais de distribuição, o grupo investiu em pesquisa de ingredientes, embalagens e maquinário. A iniciativa fortaleceu ainda mais a marca como referência de qualidade.

Entre os sócios da marca está Cristiana Beltrão, ou Cris Beltrão, estudiosa dos assuntos de culinária e alta gastronomia, uma das principais referências do setor no Rio de Janeiro e no Brasil.

Cris Beltrão oferece a uma degustação gratuita de seus conhecimentos no blog http://crisbeltrao.blogspot.com.br/, por meio do qual, com leveza, bom humor e uma pitada de críticas elegantes e apimentadas, comenta pratos e fatos do universo dos restaurantes, cantinas e bares pelo Brasil e pelo mundo.

"A que serve alguém achar que sua opinião é realmente relevante? A nós mesmos. Por isso nunca me levei muito a sério. Minha busca é meu crescimento pessoal, dentro daquilo que almejo para mim", escreveu Cris em uma de suas últimas postagens.

"Como dona de restaurantes sou sujeita a críticas, e tenho muito orgulho da coragem que requer essa exposição, dado o interesse desproporcional em relação à gastronomia no mundo em que vivemos, que se tornou uma brincadeira clubista, modista e algo muito maior do que fazer um bom produto e prestar um bom serviço. Dado o fato de conhecer o outro lado da moeda, tenho muito cuidado e julgo uma imensa responsabilidade avaliar o trabalho de terceiros", segue adiante Cris.

"Afirmo, portanto, que o preocupante é a obediência cega às notas, listas e *rankings*, mas isso fala da maturidade de cada um e do ambiente cultural em que vivemos. O que me incomoda é o olhar de rebanho sobre os críticos, porque ainda que digamos que não, buscamos o consenso, conforto e "aceitação" na opinião de terceiros, a despeito do nosso gosto pessoal" (sic).

Cris segue firme e elegante ao se contrapor às críticas vazias. "A quem serve o consenso dos críticos? A ninguém. Por isso faça as suas visitas e seus *rankings*, e parabéns pela opinião divergente. Não existe melhor do mundo, existe, sim, o melhor do seu mundo", finaliza.

Nosso Rio corre para a sombra

ensaio fotográfico de
Marcelo Carnaval

CALADRYL

Dom quixote tropical

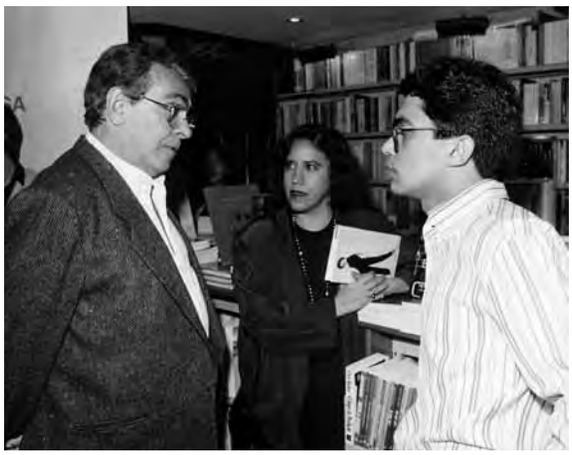
por **Mônica Sinelli**

Do menino que descobriu Sartre, em Quixadá, ao editor da conceituada Topbooks, no Rio de Janeiro, José Mário Pereira descreve uma trajetória de intrépida dedicação às letras. Aqui, ele narra a saga da construção de sua Alexandria pessoal. Desde sempre povoada de figuras estelares, que o acompanharam na propulsão dos moinhos de vento do fazer literário.

Aos verdes 16 anos, o cearense de Quixadá já havia devorado os 1.500 títulos que compunham a biblioteca municipal. Por esse período, o inusitado conhecimento literário impressionou ninguém menos que a conterrânea Rachel de Queiroz, que tinha um sítio na periferia da cidade. A escritora o presenteou com *Fogo morto*, de José Lins do Rego, e franqueou o acesso à sua biblioteca. Ali, Sartre e Nietzsche capturaram o adolescente para a filosofia.

Conte, Zé Mário: "Desde cedo, aos cinco, seis anos, já ficava de olho nos livros das casas das pessoas. Nessa época, era comum aparecerem vendedores de porta em porta, oferecendo enciclopédias a prestação. Meu pai me deu o Dicionário Universal de Curiosidades, que li do começo ao fim. Adquiri então o costume de ler dicionários temáticos, de A a Z, sempre com lápis ou *pilot* à mão. Quando conheci Aurélio Buarque de Holanda, no Rio, ele apreciou essa minha mania. Depois soube pelo escritor e tradutor Paulo Rónai que o poeta Charles Baudelaire tinha o mesmo hábito. Quando saí de Quixadá, já havia consultado extensivamente tudo o que me interessava na biblioteca do município. Rachel de Queiroz se dava bem com minha mãe. Mas quem me levou a ela foi uma médica da cidade, dra. Íris, uma mulher muito culta, espírita, que me estimulou intelectualmente. Era generosa, me emprestava livros e até me defendia quando diziam que eu acabaria louco de tanto ler".

Por maior que fosse a sede de saberes do precoce membro intelectual, a família não dispunha de recursos para mandá-lo estudar na capital. Mas quem pode contra a força do destino? Aos 17, acompanhando a avó adoentada na vinda ao Rio de Janeiro, o garoto começa a sedimentar o caminho dentro do universo encantado das



Com Chico Anysio

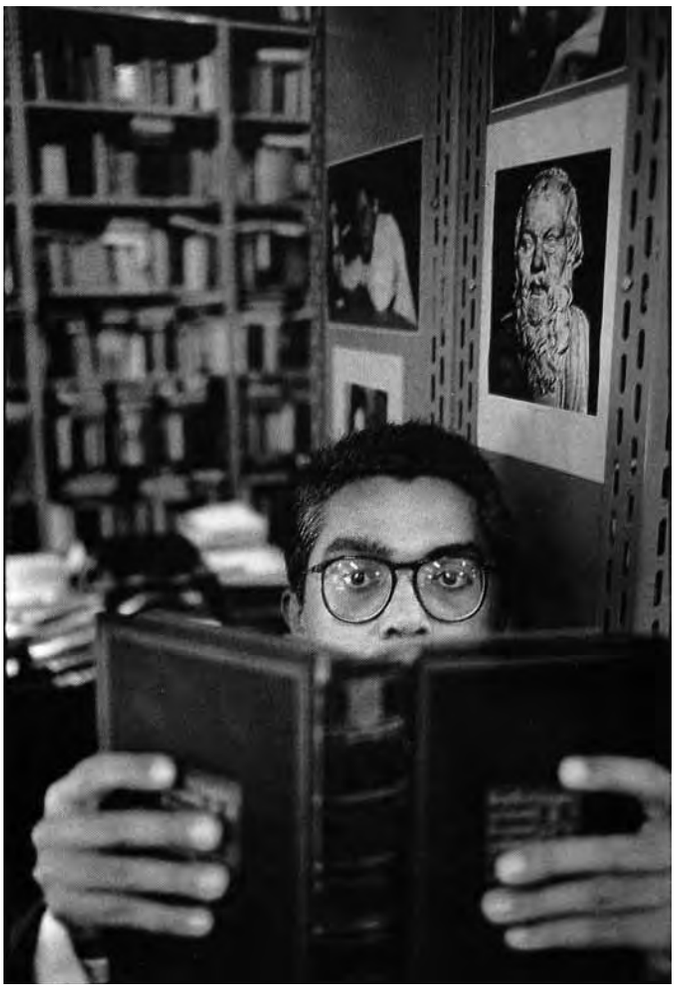
Entre Geraldo Carneiro, Christiane Torloni e Antonio Cícero

palavras. O primeiro rolezinho o levará — aonde mais? — à Academia Brasileira de Letras (ABL). "Foram quatro dias de viagem, sem ar condicionado, no final de 1974. Quando cheguei, o marido da minha tia me levou para conhecer a Cinelândia. Fiquei impressionado com a movimentação no entorno. Com o pouco dinheiro que tinha, comprei o Dicionário Aurélio numa feira de livros no Largo do Machado e fui para a ABL. Lá, perguntei se o autor havia chegado. Queria conhecê-lo e pedir que me autografasse o seu dicionário, recém-lançado. O porteiro pediu que eu esperasse. Quando o dr. Aurélio apareceu, me apresentei como estudante. Após a assinatura de meu exemplar, perguntou se eu já havia conhecido o segundo andar, onde ficam a biblioteca e a sala de chá. E me conduziu até lá. Sentei a seu lado, e outros acadêmicos disseram: Quem é esse menino, Aurélio? Ele respondeu que tinha acabado de me conhecer, que eu gostava de literatura, e aí começaram a me fazer perguntas. Estava à mesa o ex-ministro cassado do Supremo Tribunal Federal (STF), Hermes Lima, que foi muito atencioso comigo. Passei a ter acesso à biblioteca da instituição, à qual tanto devo. Tempos depois, Barbosa Lima Sobrinho, responsável por esse setor, me autorizou a retirar para consultas em casa os livros que eu queria".

Zé Mário com Roberto Marinho e Jorge Serpa

Ensaios para o futuro

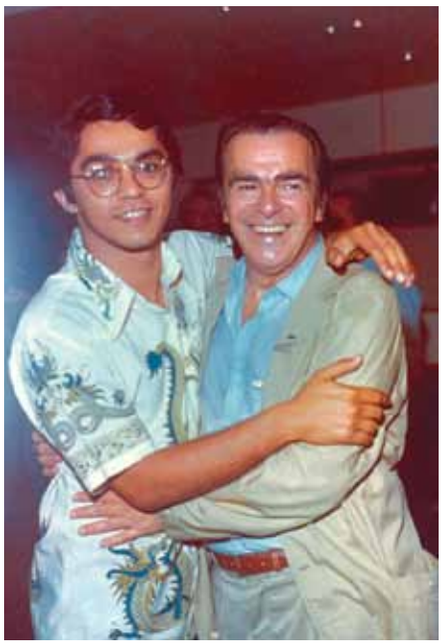
A partir do momento em que Zé Mário sorve o chá com os ilustríssimos comensais da casa de Machado de Assis, já se delineia um salto. Para o futuro. "No primeiro contato com dr. Aurélio, bastante afetuoso, estabeleceu-se uma camaradagem. Ao perceber que, depois, eu ainda continuava mexendo em livros na biblioteca, mostrou-se preocupado. Eu era pequeno, estava na rua, e ele disse que dali iria ao encontro de seu advogado, Paulo



"Aurélio Buarque de Holanda me ensinou muito. Principalmente, a atentar para o ritmo das frases dos escritores. Por intermédio dele, cheguei a Paulo Rónai, meu mestre no campo da literatura internacional"

Mercadante. Fui junto. Assim, fiz o meu segundo amigo no Rio — que morreu no ano passado e se tornou também meu assessor jurídico quando o Liberty Fund, dos Estados Unidos, me convidou em 2002 para coordenar a edição brasileira dos clássicos do pensamento que publica no exterior. Dr. Aurélio me ensinou muito. Principalmente, a atentar para o ritmo das frases dos escritores. Por intermédio dele, cheguei a Paulo Ronái, meu mestre no campo da literatura internacional. Ou seja, de cara, fui adotado no Rio por esses dois professores". Em reverso às expectativas de ter que voltar a Quixadá por falta de dinheiro, recebe do filólogo Aurélio o convite para trabalhar em seu escritório. Novamente, o ingresso a uma biblioteca com B maiúsculo está liberado.

Outro eminente imortal, Alceu Amoroso Lima, também personifica um anjo no firmamento de Zé Mário: "Conheci-o na ABL, andava sempre com uma maleta cheia de papéis. Era muito afável, risonho e generoso. Quando lhe disse que estava precisando de uma apresentação, porque tinha sabido de um emprego no gabinete do prof. Cândido Mendes, me deu uma carta de apresentação. Cheguei lá, e a entreguei à secretária. Fiquei na antessala, e de repente ouço: 'D. Ercília, mande entrar o dr. José Mario!' Eu era magrinho, vestido modestamente, e percebi ter provocado um espanto na cabeça do dr. Cândido. Mas ele, rapidamente, perguntou: 'E como está o dr. Alceu?' Falei do nosso último encontro e fui logo


Zé Mário e Darcy Ribeiro

"Darcy era bem animado, recebia muita gente. Em sua casa, na Av. Atlântica, esquina com a rua Figueiredo de Magalhães, conheci Glauber Rocha, Sergio Buarque de Holanda, Chico Buarque e Mario Pedrosa, entre vários outros grandes intelectuais"

contratado". Zé Mário prossegue: "Trabalhei, também, na Imago, junto ao editor Pedro Paulo de Sena Madureira, a quem conheci — e à Nélida Piñon —, na inauguração da Livraria Francisco Alves, em Ipanema. Comecei a ler Freud e conheci ainda Otto Maria Carpeaux, que morava na rua República do Peru, próximo à editora, e recebi indicação de boas leituras, entre elas a de Octavio Paz e Marguerite Yourcenar."

Lanternas do buquinista

O convívio com Darcy Ribeiro lhe desperta o interesse por ciências sociais e antropologia. "Li uma entrevista de Darcy no Pasquim, descobri o seu telefone e liguei. Já tinha lido dois livros dele e queria tirar algumas dúvidas. Ele me atendeu, perguntou se eu o havia lido de fato, confirmei. E respondeu: 'Então venha aqui amanhã, mas traga os livros. Assim eu os autografo e vejo se leu mesmo!' Foi amizade imediata, tanto que, quando em viagem, chegou a deixar a chave do seu apartamento comigo. E avisava: 'Só use a minha cama se for mulher bonita! Se não, resolva no sofá da sala!' Darcy era bem animado, recebia muita gente. Em sua casa, na Av. Atlântica, esquina com a rua Figueiredo de Magalhães, conheci Glauber Rocha, Sergio Buarque de Holanda, Chico Buarque, Mario Pedrosa, entre vários outros grandes intelectuais."

À época, tece amizade com Evaristo de Moraes Filho. "Dono de uma das maiores bibliotecas particulares do Brasil, me emprestava tudo o que eu desejasse ler. E eu lia de tudo, compulsivamente. Tinha em foco o sentimento da minha ignorância, e isso me estimulava. Leio rápido, vários livros ao mesmo tempo, e os metabolizo com facilidade. Também comparecia a todos os lançamentos importantes, e assim travava contato com as pessoas do meio. Carlos Lacerda, quando me conheceu na Nova Fronteira, gostou de conversar comigo e me autorizou a pegar na editora os títulos que me interessassem. O primeiro que ganhei dele foi *Memórias, sonhos, e reflexões*, de Carl Jung".

Após a passagem pela imprensa — *Jornal do Brasil*, *Última Hora*, *Jornal da Tarde*, *O Estadão* e as revistas *Isto É* e *Civilização Brasileira* —, Zé Mário inaugura sua própria editora, às vésperas das eleições de 1990, publicando três economistas em campanha: Roberto Campos, Delfim Netto

"Carlos Lacerda, quando me conheceu na Nova Fronteira, gostou de conversar comigo e me autorizou a pegar na editora os títulos que me interessassem. O primeiro que ganhei dele foi *Memórias, sonhos, e reflexões*, de Carl Jung"

e César Maia. O primeiro sucesso da Topbooks, voltada à preservação da memória cultural do país, vem com o lançamento de *A lanterna na popa*, alentada autobiografia de Roberto Campos, em 1994, cujas 1.417 páginas se convertem em *best-seller* instantâneo. E abocanham um Jabuti, o mais importante prêmio literário brasileiro. "Muitas editoras queriam o livro e fizeram pressão nesse sentido, mas o dr. Roberto se decidiu por mim. Na dedicatória fez constar: 'Duas pessoas merecem referência especial. Meu médico, Cesar Benjó, que controlou sabiamente meu músculo cardíaco em situações de cansaço e tensão. E meu editor, José Mario Pereira, que, além do planejamento editorial, foi valiosíssimo orientador de pesquisas.' A partir daí tenho editado de tudo, como Miguel Arraes, Ciro Gomes, Roberto Mangabeira Unger, Joaquim Nabuco, Oliveira Lima, Manoel Bomfim, Gilberto Freyre e Evaldo Cabral de Mello. Redescobrimos autores que estavam esquecidos, lançamos bons poetas e ficcionistas e nunca nos deixamos levar por questões ideológicas", afirma o cultor de Machado de Assis e Graciliano Ramos e que relê, incansavelmente, *Dom Quixote* (Cervantes), *Moby Dick* (Melville), *Os irmãos Karamazov* (Dostoievski), *Auto-de-fé* (Elias Canetti) e *O homem sem qualidades* (Musil).

Enquanto desfruta o estouro de vendas de *Assassinato de reputações*, de Romeu Tuma Junior, o timoneiro da Topbooks ouve Bach, Wagner e Mahler, caminha no Parque do Flamengo, encontra amigos aos sábados na Livraria da Travessa de Ipanema. E passa horas a fio buquinando nos sebos da cidade.

Carioquice por todos os poros

Lygia Marina Pires de Moraes
Diretora da Casa de Cultura Laura Alvim

Sou carioca de Copacabana, morei também no Leme, em Botafogo e, por fim, em Ipanema, onde me estabeleci, a ponto de ter sido porta-bandeira da Banda de Ipanema. Botafogo também tem um significado especial. Lá passei a adolescência e associo ao primeiro namorado e as muitas festas. Morei numa casa na Rua Vicente de Sousa, 25, onde hoje é um restaurante. O mais interessante é que a casa foi tombada, e eu digo que foi porque eu vivi lá. Aqui em Ipanema me encontrei. Faço tudo a pé: a caminhada na praia, a ida ao trabalho, a passagem estratégica no fim do dia aqui no bar Astor. Não tem nada melhor. Além de encontrar, todo o tempo, pessoas conhecidas, algumas que foram minhas alunas e que me chamam até hoje de professora. Imagine só: dei aula nos colégios Brasileiro de Almeida, Souza Leão, St. Patrick e no Marília de Dirceu. Para se ter uma ideia do que acontece, no ano passado, nas comemorações do centenário do Vinícius, no Tom do Leblon, estávamos eu Carlinhos Lyra e Magda e Marcos Valle e Patrícia. A Magda fotografou e postou. Começaram os comentários: "não sabia que você era amiga da tia Lygia". Com isso recuperei os alunos da minha primeira turma de alfabetização.

Depois de 1985 saí da área pedagógica para a de cultura. Inicialmente na Funarte. Adorava dar aula, mas cultura é de uma sedução absoluta. Fiquei alternando entre a Casa França-Brasil e a Laura Alvim. Tive ainda, na Assembleia Legislativa, uma experiência maravilhosa, que incluiu o restauro daquela beleza que é o Palácio Tiradentes. Voltei para a Laura Alvim em 2007 e tenho uma imensa paixão por esse espaço. É como se ela fosse minha, acho que é porque participei da primeira equipe, quando o centro foi criado, com Stella Marinho. A Laura Alvim conta com teatros, cinemas, livraria, galeria de arte e café. A galeria tornou-se um centro de referência em arte contemporânea, a partir de um trabalho iniciado há sete anos com a Adriana Rattes. A gestão é extremamente profissional, e a cada dois anos um curador se ocupa do espaço e traz os seus projetos. A monitoria fica a cargo dos alunos do Parque Lage. Os três cinemas, dos quais dois são digitais, têm uma excelente programação, hoje administrado pelo grupo Star. A livraria é um sucesso e ponto certo para quem quer comprar filmes cults. Os teatros têm recebido montagens magníficas. Uma das peças em cartaz acaba de ganhar o Prêmio Shell. Tudo isso é fruto de boas parcerias. Para dar um exemplo, a Associação de Moradores de Ipanema nos procurou para que façamos uma mostra cinematográfica para comemorar os 120 anos de Ipanema, dia 26 de abril. Eu não tenho ingerência na programação e disse isso no encontro. Na hora, o pessoal do grupo Star abraçou a ideia, e vamos ter uma programação de filmes em que Ipanema é o cenário.

Minha próxima aposta é apresentar um documentário feito pelo Joaquim Ferreira dos Santos sobre Rubem Braga e inédito no Rio de Janeiro. Frequentei muito a cobertura do Rubem, na Rua Barão da Torre, quando era casada com Fernando Sabino, e tenho ótimas lembranças desse período.

O PAI ACHOU QUE ELE ADORARIA
IR À LOJA DE BRINQUEDOS.
ELE PREFERIU FICAR
MAIS TEMPO NA PRAIA.

A VIDA É IMPREVISÍVEL.
E ISSO É MUITO BOM.

va o imprevisível e deixe o resto com a SulAmérica.

eguradora que há 118 anos trabalha para que você viva intensamente
a momento da sua vida sem se preocupar com os imprevistos. Veja tudo
a SulAmérica faz por você.

GUROS • SAÚDE • ODONTO • AUTOMÓVEL • VIDA
EVIDÊNCIA • INVESTIMENTOS • CAPITALIZAÇÃO

SulAmérica

PEÇA SULAMÉRICA PARA O SEU CORRETOR

WMcCANN | BRADESCO

Vai dizer que você pensou no seu banco quando viu essa foto?

Tem horas que a última coisa que vai passar pela sua cabeça é o seu banco. Por isso, existe o Bradesco Prime: para cuidar das suas finanças, dos seus investimentos e de tudo que é da sua conta. Para você ficar totalmente livre para pensar nas outras coisas valiosas da sua vida.

VIVER É PRIME.

Fone Fácil Bradesco Prime: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933
bradescoprime.com.br

Bradesco Prime